

Organizadoras

Angelina Bittencourt

Flávia Andréa Costa

Francielle Vargas

Por que amo Llansol?



Belo Horizonte

FALE/UFMG

2014

Diretor da Faculdade de Letras

Luiz Francisco Dias

Vice-Diretora

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais

Carla Castagnet Vial

Diagramação

Lorena Mariano

Revisão de provas

Laila Silva

ISBN

978-85-7758-227-3 (impresso)

978-85-7758-228-0 (digital)

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Laboratório de Edição

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081L

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

- 7 Apresentação**
- 11 Por que amo Llansol?**
- 27 Sobre as entrevistadas**
- 29 O Espaço Llansol**
- 33 Referências**

Agradecemos às entrevistadas, Lucia
Castello Branco e Vania Maria Baeta
Andrade, por autorizarem a publicação
da entrevista.

Apresentação

No primeiro semestre de 2012, como trabalho final da disciplina Introdução à Literatura Portuguesa, um grupo de oito alunos realizou uma entrevista com a Prof^a Lucia Castello Branco, uma das maiores referências brasileiras na pesquisa sobre a literatura de Maria Gabriela Llansol.¹ A entrevista se deu no apartamento da Prof^a Lucia, em ambiente descontraído, em que estavam presentes outros estudiosos da obra de Llansol, integrantes do mesmo grupo de pesquisa.

“A mesa foi utilizada como um espaço para, diferentemente de um jogo de perguntas e repostas pautadas, o diálogo entre os participantes, apenas com o compromisso de relatarem suas experiências com os textos de Llansol. E, segundo as impressões percebidas pela

¹ No Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Pós-Lit, a Prof^a. Lucia Castello Branco já orientou mais de vinte trabalhos, entre dissertações e teses, sobre a obra de Maria Gabriela Llansol.

transcrição aqui proposta, foi isso que aconteceu. Os participantes se despiram de qualquer academicismo e narraram experiências particulares com os textos llansolianos. No fim, foi possível constatar que não se trata de pesquisadores, mas de amantes de Maria Gabriela Llansol.” (Depoimento da entrevistadora, Flávia Andrea Rodrigues da Silva L. da Costa, em 23 de junho de 2013).

No primeiro semestre de 2013, exatamente um ano após a realização da entrevista e sua publicação em vídeo, na Internet, a filmagem foi transcrita e editada para meio impresso, como trabalho final de outra disciplina: Edição de Textos Orais. O título da publicação, *Por que amo Llansol*, foi identificado, no processo de edição, como a pergunta chave que deu sentido à entrevista.

Esta edição optou por se concentrar na transcrição das falas de Lucia Castello Branco e de Vania Maria Baeta Andrade, as duas pesquisadoras com maior experiência e dedicação à literatura de Maria Gabriela Llansol, tendo ambas convivido com a escritora.

Além da transcrição, o presente trabalho teve como objetivo a transcrição da entrevista, na tentativa de arejar as técnicas de edição de texto com o sopro da criação. Assim, por um lado foram retiradas algumas marcas de oralidade, por outro, foram acrescentados realces gráficos, para enfatizar palavras ou expressões, buscando manter alguns

aspectos da voz. Nesse processo, a meta era o equilíbrio entre o oral e o escrito, a voz e a letra. A transcrição foi um procedimento importante para que a entrevista escrita não perdesse o sentido da fala. Nesse processo, o grupo de estudantes teve que se confrontar também com várias questões éticas, como: a legitimidade da entrevista, a fidedignidade da transcrição ao texto oral, a autoria, e a autorização para publicação.

O leitor, aqui, é convidado a compartilhar de um espaço dedicado a uma das maiores e mais inovadoras escritoras portuguesas dos últimos tempos: Maria Gabriela Llansol Nunes da Cunha Rodrigues Joaquim, nascida em Lisboa, Portugal, em 1931, casada com Augusto Joaquim,² e falecida em Sintra³ em 2008, vítima de câncer. Dos seus 77 anos de vida, deixou para as gerações de *legentes*,⁴ atuais e futuras, 29 livros publi-

² Em 2003, ano em que o marido da autora morre, ela escreve a obra *Amigo e amiga: curso de silêncio de 2004*, livro que testemunha essa perda de Llansol, podendo-se perceber na personagem “Nómada” uma possível representação de Antônio Augusto.

³ Vila portuguesa da região de Lisboa, onde se localiza a casa em que Maria Gabriela Llansol viveu de 1994, ano em que a escritora retornou a Portugal, até o ano de sua morte. Ver <http://www.cm-sintra.pt/%5CAnexo%5C633970046196458750maria%20gabriela%20llansol%20discurso.pdf>.

⁴ Legente é um termo utilizado por Maria Gabriela Llansol para definir o leitor como aquele que reaprende a ler, não como simples leitor, mas aquele que aceita a escrita apoiada na liberdade de consciência, desligada de uma ética social.

cados e mais de setenta cadernos inéditos; diários de cunho poético e nada convencionais.

Entendemos, a partir da presente edição do diálogo com Lucia e Vania em torno do amor à letra de Llansol, que a repercussão dos textos de Llansol na vida de quem entra em contato com sua escrita depende da postura do sujeito diante do texto dessa grande escritora. Sobretudo depende desse sujeito se decidir entre se permitir ser um legente ou preferir ser um leitor comum. Um ou outro, dependerá do que cada um deseja, dependerá da sua postura ou impostura diante do texto.

Flávia Andréa Costa e Sônia Queiroz

Por que amo Llansol?

Entrevista com Lucia Castello Branco

Lucia Castello Branco: Olha, eu amo Llansol, porque na minha vida... – eu vou falar de um jeito muito particular – tem um antes e um depois, sabe!? Existem algumas coisas na vida que são acontecimentos, porque antes era de um jeito e depois foi de outro. Llansol, pra mim, é um desses acontecimentos. É importante não só literariamente, pois na época que eu encontrei Llansol eu já era professora, em 1992. Dez anos professora e oito anos professora da Faculdade de Letras da UFMG. Eu estava enjoada de literatura, completamente enjoada! Escritora, professora de literatura e completamente enjoada de literatura. Foi quando eu encontrei o texto da Llansol. Eu disse: “Então é isso! Então existe um texto com o qual eu posso trabalhar pelo resto da minha vida. Esse texto tem coisas pra eu investigar pelo resto da minha vida”. Então... Um valor literário, uma direção literária. Claro que ela significa muito mais do que

isso. Essa coisa da Llansol, da escrita, da *língua sem postura*⁵ que aparece muito na obra dela, te obriga de algum jeito... É claro que sempre é possível ser um impostor e ser legente de Llansol. Eu achava, até pouco tempo, que não era possível, mas eu acho que é possível... sempre possível. Qualquer coisa dessas é possível, mas eu acho que o texto dela resiste a essa leitura na impostura, pois é uma leitura em que ela própria se mostra como impostora. E a vida também, não é?

O Augusto Joaquim, que foi o primeiro legente de Llansol, foi marido dela durante toda a vida até morrer. Ele morreu em 2003 e tem um texto muito bonito em que ele diz: “Esse texto tornou a minha vida improvável. Depois que eu encontrei esse texto minha própria vida se tornou improvável”. Improvável no sentido de que nada mais pode ser provado e que a única prova é que esse texto existe e que esse texto está acima de qualquer coisa. Bastou que eu lesse essa frase: “Vejam onde nos leva a escrita, a escrita e não outra grafia qualquer, mas a escrita”. É... Então, ela já transformou... não só a minha vida, mas a vida de muita gente, o que eu acompanhei durante anos, a partir do encontro com a Llansol.

⁵ Conceito utilizado por Maria Gabriela Llansol para referir-se à linguagem existente em sua obra. Para ela, a impostura é a língua sem imposições e limitações da escrita, da representação e da interpretação.



Maria Gabriela
Llansol

Foto: Portal de notícias
de *O Estado de São
Paulo*

Eu estava brincando durante uma aula e falava assim: “Eu já vi gente casar por causa de Llansol, eu já vi gente separar por causa de Llansol, eu já vi gente surtar por causa de Llansol, eu já vi gente abandonar emprego por causa de Llansol!” (risos).

Vania Maria Baeta Andrade: Mudar de paisagem por causa de Llansol!

L. C. B.: É mesmo, mudar de paisagem por causa de Llansol, mudar de sexo por causa de Llansol. Eu já vi coisas assim, impressionantes, e que têm a ver com o encontro com a obra da Llansol. Não é porque a obra da Llansol te mandou fazer isso, não! Porque a obra da Llansol te retificou num ponto que não dá mais para levar a vida numa impostura.

Entrevistadora: *Então é um encontro consigo mesma?*

L. C. B.: É um encontro com esse texto que reflete... digamos assim, que faz você pensar sobre a direção da sua própria vida. A literatura e a vida para Llansol não estão separadas, se retifica também o sujeito e a própria vida que ele está levando. É o que eu acho, eu acredito nisso. Nada no sentido de uma terapia ou de uma autoajuda. Não é possível ler o texto de Llansol e permanecer vivendo algumas coisas que são muito da impostura, mesmo. Superficiais. É claro que na vida você faz negociações, de vez em quando a gente vive algumas imposturas, mas é profundamente... é muito difícil. Eu acho muito difícil!

Estou me lembrando da Mariana, uma menina até bacana e tudo, que entrou em um encontro com a Llansol e depois aquilo ali foi fazendo mal pra ela. Porque tem isso também! Então ela recuou e foi estudar uma coisa completamente diferente, uma menina muito inteligente! Se eu não suportar esse texto, porque ele me obriga a fazer uma mudança na minha vida que eu não estou disposta a fazer, então eu não vou ler esse texto. Tem isso também! Se é melhor ou pior eu não sei, depende.

A Cíntia, uma aluna minha que passou muito tempo com a Llansol e foi muito amiga dela, dizia uma frase, até não é referente à Llansol, é referente ao Blanchot, mas eu acho que ela se aplica muito mais à Llansol. Ela dizia assim: "Tudo depende da quantidade de afeto que se

consegue suportar”. Então, às vezes, você não consegue suportar aquela quantidade de afeto. Não tem nada de errado nisso, mas você não consegue e prefere se afastar. Isso também eu já vi! Foi o caso da Mariana. Tomou um destino melhor ou pior para ela!

Também, o diabo sabe pra quem aparece (risos)! A Llansol sabe pra quem ela aparece. Quando ela aparece, a pessoa está disposta a não recuar.

Entrevistadora: *Então, você encontrou Llansol?*

L. C. B.: Eu encontrei Llansol e acho que todo mundo aqui a encontrou (risos). Foi um encontrão! Não só eu, porque eu acho que as pessoas que permanecem lendo e continuam lendo e fazendo tese encontraram Llansol. Eu lembro que a Vania falou assim: “Lucia, você será responsável pela miséria dessa família” (risos). E como diz meu marido: “Se fossem estudar índio ou negro estavam ganhando mais dinheiro e daria mais ‘ibope’”. Llansol não é uma escritora que dá “ibope”. Rara, sofisticada e não é nada tão popular. Então, eu lembro que, naquela época, o Mauro⁶ (marido da Vania) estava querendo largar a Medicina. O marido da Vania é psiquiatra e queria largar a psiquiatria por causa da Llansol.

⁶ Médico psiquiatra, leitor e interessado pelos estudos llansolianos, Mauro Cordeiro Andrade participou do documentário “Redemoinho-poema”, de Gabriel Sanna e Lucia Castello Branco, sobre Maria Gabriela Llansol.

“Ah, miséria dessa família! Eu quero ver o que você vai fazer agora. Eu vou viver só de bolsas de estudos” (risos).

V. M. B. A.: A Llansol tem uma expressão assim: “Evoluir para pobre”. Estamos todos evoluindo para pobre (risos).

L. C. B.: Literalmente! Entendeu? Porque... ah, não! Não suporto mais aquele trabalho!... Devagar com andor.

Entrevistadora: *Eu não sei se eu tive um encontro com a Llansol, mas no caminho, vindo pra cá, eu tive esse pensamento: “Ah, eu acho que eu vou querer parar de trabalhar para poder estudar mais!” (risos).*

L. C. B.: É! Porque ela literalmente era radical nisso. A Llansol viveu durante muitos anos com o Augusto e, exclusivamente, a única coisa que ela fez, além de escrever, foi dirigir uma escola, quando ela vivia na Bélgica, e fazer pão, que ela vendia e tal. Ela ensinava os alunos a fazer pão e manter isso. O resto foi escrever, escrever, escrever e, antes de ela morrer – a gente sabe disso porque no final da vida dela, nós, inclusive, eu, Vania e Mauro, todos que estávamos empobrecendo, (risos) a gente mandava dinheiro pra ajudar –, ela precisou de médico, enfermeiro, etc., etc... E ela vivia nessa época com trezentos euros. Imagina isso na Europa? Trezentos euros, ela e o velho Augusto. Quando o Augusto morreu, isso era, exclusivamente, dos direitos autorais que ela ganhava. Augusto ainda fazia publicações para o jornal, e

ela não fazia. Eram traduções, direitos autorais e resenhas. Muito pouco dinheiro! Tanto é que, nessa época, o pessoal de lá (os portugueses), batalhou pra ela conseguir uma bolsa do governo que era dada, até o momento, só para escritores, ou melhor, só para família de escritores já falecidos, e ela conseguiu em vida. Ela ganhava mil e poucos euros. Ela ficou rica! Eu lembro que, nessa época, a Vania falou assim: "Nossa! A Llansol, você viu? Ela está agora de tênis novo!" A gente notava que ela estava diferente. Assim... Diferente! Ela não era uma pessoa consumista, não é nada disso. Esse dinheiro era um dinheiro que fazia uma diferença enorme pra ela. Ela vivia com muito pouco dinheiro.

Entrevistadora: *E os textos dela..., são vinte teses só na Faculdade de Letras.*

L. C. B.: É! Isso é uma coisa legal de se investigar. É claro que tem a ver com o trabalho que eu fiz na Faculdade de Letras, mas tem a ver com o porquê da Llansol chegar primeiro, com muito mais força e de um jeito muito mais interessante ao Brasil, do que a Portugal.

Entrevistadora: *Mas ela fala isso.*

L. C. B.: Ela fala isso! Naquela entrevista de 1942: "Eu acho que estes textos vão chegar a Portugal depois de chegarem ao Brasil, com a Lucia; à Bélgica, com não sei quem! E aí, sim, vai ser muito bom para Portugal, porque Portugal precisa ser visto. Um texto como esse vai ser bom!"

Ela falava como se esses textos nem fossem dela. É como se ela estivesse fazendo uma... enfim, trazendo alguma coisa muito importante para Portugal. E, é verdade, exatamente como ela falou aconteceu, quer dizer, agora esses textos passam a ser mais lidos em Portugal, mas no Brasil eles são bastante lidos! Em BH, nem se fala! Especificamente Belo Horizonte. E dentro do circuito acadêmico, sem academicismos, assim... Não sem o rigor, mas sem esse “ranço” acadêmico. São textos muito poéticos. Em geral, as pessoas que escolhem trabalhar com Llansol são escritores ou têm alguma relação com a escrita, isso é muito interessante! Um dia, eu comecei a pensar e a fazer esse levantamento: nem autores muito lidos, canonicamente lidos no Brasil, não têm, ao longo de vinte anos, vinte teses e dissertações. Nem Fernando Pessoa,⁷ vamos pensar, que é um autor português muito lido no Brasil, nem Machado de Assis, Guimarães Rosa ou Clarice Lispector. Muita produção sobre Clarice, por exemplo, não tem isso. Eu acho que tem a ver com alguma coisa da Llansol que era muito avançada para Portugal. Eu acho interessante isso.

⁷ Importante poeta e escritor português do século XX, foi uma das influências que mais se evidenciam nos escritos de Maria Gabriela Llansol. Está personificado nos diários da referida autora, no personagem Aossê, nome que, se lido de trás para frente, apresenta semelhança fonética com o nome de Pessoa, “Êssoa”. Ver <http://www.revistazunai.com/ensaios/erica_zingano_derivadas.htm>

Entrevista com Vania Maria Baeta Andrade

Vania Maria Baeta Andrade: Bom, eu estava aqui escutando as histórias e fiquei lembrando do Blanchot, de um livro que se chama *Pena de morte*. Ele abre o livro falando assim: “Apenas nove palavras seriam necessárias para eu dizer tudo o que eu preciso dizer, mas eu sei que vou escrever, vou escrever esse livro, vou escrever outro, vou escrever outro e não vou encontrar as nove palavras.” Então, estou procurando essas nove palavras com que eu poderia dizer por que amo Llansol, mas aí a gente tem que contar.. (risos). Para que o romance não morra, o que estamos nós a fazer senão contar coisas uns aos outros... então só me resta contar.

Llansol no período
em que morou na
Bélgica

Foto: Espaço Llansol



Estava eu... no último semestre da graduação em psicologia, fazendo a última disciplina. Também, estava em um momento de crise, momento de crise mesmo, que é comum no final da graduação. Meu Deus, o que eu vou fazer da minha vida? Era um momento muito crítico, de se perguntar mesmo. Um curso felizmente maravilhoso! No último dia de aula, no curso de psicanálise e linguagem, a psicanalista que estava ministrando encerrou o curso com um texto de Maria Gabriela Llansol. Isso a gente estava trabalhando a questão da primazia do significante, e a professora falou: "Escutem esse texto".

Aí ela tirou um trecho, eu escutei aquilo e não acreditei. Eu não acreditei! A aula acabou e eu fui atrás desse... "Que texto? Que escritora?"

O que que é isso? De onde veio?” E aí fiquei sabendo que era Maria Gabriela Llansol. Mas ela não tem livros no Brasil, raríssimos... A professora me emprestou o xerox do livro, porque ela tinha o xerox, mas não tinha o livro, que provinha da Lucia. O livro era *Causa Amante*, o título já diz, talvez eu pudesse até dizer isso: Llansol, amo porque ela virou minha causa amante, foi esse o primeiro livro que eu li. Saí igual criança.

Há um conto da Clarisse assim...

Lucia Castello Branco: *Felicidade Clandestina!?*

V. M. B. A.: Foi uma felicidade clandestina mesmo, principalmente porque ninguém conhece, é raro, ninguém tem, então eu saí com aquela coisa, aquele objeto assim... correndo pra casa pra continuar lendo, pois a professora leu somente um fragmento.

E eu tinha uma filhinha pequenininha, tinha que fazer dever de casa, e o livro lá me esperando. Lembro que essa noite foi uma noite assim... eu li o livro a noite inteira, não dormi, eu não conseguia ir dormir. Então pensava: “Só mais um pouquinho, só mais um pouquinho”. Via a janela ali na frente e eu só conseguia dizer: “É isso, é isso”, mas o que isso significava eu não sabia. Só conseguia dizer: “É isso, é isso”. E virou isso mesmo, uma causa amante. Agora não estou me lembrando como que fui conseguindo os outros livros...

L. C. B.: Talvez foi com o Mauro.

V. M. B. A.: É, talvez foi com Mauro. Eu, então, fazia estágio numa clínica e fui fazer supervisão com um psiquiatra que trabalhava na clínica, sobre um caso difícil que eu estava atendendo. Da lista de encontros com Llansol, dos que casaram-se, mudaram de sexo e etc, eu sou aquela que casou...(risos). Por enquanto, eu sou aquela que casou. É porque Llansol... Vai saber...

Então, nessa clínica, eu fui fazer supervisão com esse psiquiatra, que é meu atual marido, e a gente se conheceu nessa supervisão. Em seguida houve uma festa da clínica, e ele veio me perguntar... pra puxar conversa: "O que você está lendo?" Então, eu falei: "Estou lendo uma escritora que ninguém conhece, que é muito rara... Estou completamente tomada por essa escritora que se chama Maria Gabriela Llansol". Então, ele disse: "Eu tenho todos os livros dela"(risos).

Diários de Llansol
publicados no
Brasil, pela
Autêntica Editora
Foto: Pluricom –
comunicação integrada



No livro *Um falcão no punho*, Llansol fala sobre “A escrita como busca de verdade”, que talvez explique essa causa amante, que tem algo da verdade do sujeito. Mas não é terapia, não é nada dessa natureza, com intuito de salvar. Não tem nada de nenhuma promessa de salvação, nem de felicidade. Mas de alegria sim, porque a obra dela sempre aposta nas fontes da alegria.

Tem algo que chama muita atenção... A gente, recentemente, fez um colóquio que chamou *A cura da literatura: breve encontro intenso da psicanálise com o texto de Maria Gabriela Llansol*. Nessa direção de cura, assim.... cura da literatura no sentido de uma direção outra para o romance, uma tradição melancólica do romance, porque isso interessa para a psicanálise. Algo que a gente chama de uma direção de cura. Vimos como é que Llansol aponta isso com diversos pensadores. Como

ela aponta essa direção pulsional além da pulsão de morte, com este tratamento que ela dá a escrita. É algo realmente muito impressionante, e que não deixa de nos tratar.

Lembro... de uma colega nossa que estaria aqui, talvez vai chegar, a outra Janaína, que trabalha com pacientes psicóticos e com oficinas e está frequentando o curso da Lucia. Ela tem se aproximado muito desse trabalho de prática da letra. A Lucia tem chamado de prática da letra e é uma prática que trabalha pacientes psicóticos. Um colega dela disse assim, quando ela contou dessa prática: "Nossa, Janaína, não sei se para os seus pacientes está sendo bom, mas para você, está te fazendo um bem enorme!" (risos).

Então, é claro que essa investigação é uma busca de verdade e eu gosto muito disso porque... ela não diz a busca da verdade como se a verdade fosse encontrada! Essa é a verdade. Você pode ler como a busca de verdade, a busca verdadeira. A gente está numa busca que é da verdade de cada um mesmo, do sujeito, disso que te faz entrar nessa posição que é ética mesmo, que é estética, que é ética. Não há concessão para o seu desejo, para essa causa. É dessa radicalidade, talvez, que somos testemunhas; para cada um... cada um com a sua história, com a sua singularidade, mas... É isso, essa causa amante... Eu amo Llansol porque ela é minha causa amante.



Objetos de Llansol
em Sintra, no
Espaço Llansol
Foto: Ave-Rara

Sobre as entrevistadas



Foto: Estação do Saber – Projetos Culturais

Lucia Castello Branco

Professora titular da Faculdade de Letras – FALE – da Universidade Federal de Minas Gerais e doutora em Estudos Literários.

Considerada uma das precursoras nos estudos llansolianos no Brasil, destaca-se também pelos mais de vinte trabalhos orientados, entre dissertações e teses, em vinte anos de dedicação aos estudos dos textos de Llansol. Amiga pessoal da autora, participou de parte da vida e acompanhou o desenvolvimento de parte da obra de Maria Gabriela Llansol. Além de ensaísta, autora de livros como *A traição de Penélope*, *A mulher escrita*, *Literaterras: as bordas do corpo literário*, *Contos de amor e não*, dentre outros, Lucia também é poeta e ficcionista, tendo publicado recentemente *O menino e a lágrima de Vênus*.



Foto: Acervo pessoal das organizadoras

Vania Maria Baeta Andrade

Graduada em Psicologia, mestre em Estudos Literários e doutora em Literatura Comparada – Literatura e Psicanálise, pela Universidade Fe-

deral de Minas Gerais – UFMG. Na Faculdade de Letras desta universidade, atualmente realiza o Pós-Doutorado em Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura e Psicanálise. A pesquisadora também conheceu e participou de parte da vida de Maria Gabriela Llansol. Organizadora, com Lucia Castello Branco, da obra *Livro de asas: para Maria Gabriela Llansol*.

O Espaço Llansol

O Espaço Llansol é um espaço físico e virtual criado, desde de 2006, e pensado pela própria autora, Maria Gabriela Llansol, para conservação e transmissão de sua obra pós-morte.

Além disso, o Espaço Llansol se tornou uma Associação de Estudos Llansolianos que disponibiliza informações, notícias sobre o acervo da autora e conserva os manuscritos deixados por ela, utilizando a própria casa onde Llansol viveu os últimos anos de sua vida.

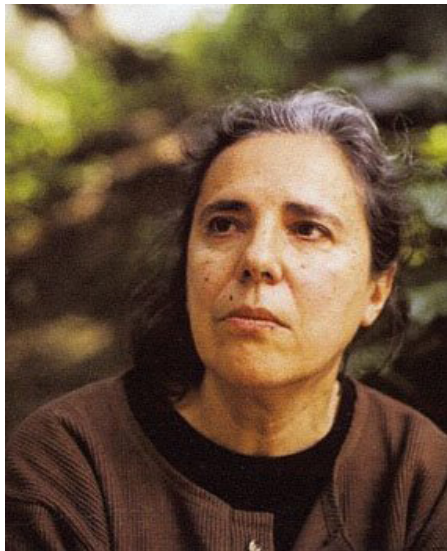
A Casa da Saudação, como é chamado esse espaço cultural, possibilita aos estudiosos de Llansol a visita física, na cidade de Sintra, em Lisboa, Portugal, e a virtual, por meio do sítio <<http://espacollansol.blogspot.com.br/>>.

Lucia Castello Branco, amiga pessoal de Llansol, especialista em estudos llansolianos e uma das idealizadoras iniciais do Espaço Llansol, destacou a importância e relevância de se ter um espaço preocupado em transmitir os textos e a vida de Llansol. Um espaço que, segundo Lucia,

“não é uma sede física. Tem a ver com a casa, mas não é exatamente aquela casa. Llansol tem a ver muito mais com a noção de *espaço literário* de Blanchot,⁸ embora ela diga que não há literatura. Assim como a língua é portuguesa, mas o pensamento está a alargar-se, o espaço está lá em Sintra, mas o pensamento está a alargar-se. Então, nesse sentido, todo mundo que trabalha a obra da Llansol e que se dedica a essa *legênci*⁹ e a essa leitura é o Espaço Llansol.”

⁸ Maurice Blanchot, escritor e ensaísta francês do século xx, defendia a noção de espaço literário como aquela que propõe uma literatura autossuficiente, que se distingue das leis e regras determinadas pelo mundo dos viventes. Adotando o conceito de literatura como “obra de arte”, Blanchot propõe a necessidade do autor de se eximir dos conceitos sociais para adentrar o espaço literário.

⁹ Definição de Maria Gabriela Llansol para o ato de reaprender a ler a partir do conceito de leitor legente.



Maria Gabriela
Llansol em
Portugal

Foto: Espaço Llansol



Maria Gabriela Llansol em Sintra.

Foto: Espaço Llansol

Referências

ABREU, Fernanda Gontijo de Araújo. O curso de Silêncio: um testemunho de Maria Gabriela Llansol. *Revele – Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, Belo Horizonte, n. 3, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/view/3878/3818>> Acesso em: 23 jun. 2013.

ANDRADE, Vania Maria Baeta. Currículo Lattes. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=P214022>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

ANDRADE, Vania Maria Baeta. Belo Horizonte, Brasil, 20 jun. 2012. 1 DVD (9 min 15 s). Entrevista concedida a Flávia Andréa Costa.

BLANCHOT, Maurice. Disponível em: <<http://www.egs.edu/library/maurice-blanchot/biography/>>. Acesso em: 06 set. 2013.

Blog "Ave-Rara". Disponível em: <www.bloguedaave.wordpress.com>. Acesso em 23 set. 2013.

Blog "O fio de água do texto". Espaço destinado à postagem de textos e imagens relacionados a Maria Gabriela Llansol . Disponível em: <<http://fiodeaguadotexto.wordpress.com/>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

BRANCO, Lucia Castello. Currículo Lattes. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaçãocv.do?metodo=apresentar&id=K4788149H8>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

BRANCO, Lucia Castello. Belo Horizonte, Brasil, 20 jun. 2012. 1 DVD (13 min 46 s). Entrevista concedida a Flávia Andréa Costa.

PIMENTEL, Davi Andrade. O espaço literário de Maurice Blanchot. *Revista Garrafa*, Rio de Janeiro, n. 28, set.-dez. 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa28/daviandrade_oespacolit.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2013.

Site "Espaço Llansol". Espaço... . Disponível em: <<http://espacollansol.blogspot.com.br/>>. Acesso em 23 jun. 2013.

Site "Estação do Saber – Projetos Culturais". Disponível em: <www.estacaodosaber.art.br>. Acesso em: 23 set. 2013.

Site "Estadão". Portal de notícias de O Estado de São Paulo. Disponível em: <www.estadao.com.br>. Acesso em: 23 set. 2013.

Site "Pluricom – comunicação integrada". Disponível em: <www.pluricom.com.br>. Acesso em: 23 set. 2013.

**Publicações Viva Voz
de interesse para a área de estudos literários**

**A cura da literatura
breve encontro intenso da
psicanálise com o texto de Maria Gabriela Llansol**

Fernanda Mourão

Lucia Castello Branco (Org.)

Esta é minha carta ao mundo

Fernanda Mourão (Org.)

Representações do feminino no cinema brasileiro

Helcira Lima (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: www.lettras.ufmg.br/vivavoz.



Este livro foi inicialmente editado por alunas da disciplina Estudos Temáticos de Edição: Edição de textos orais, ministrada pela Prof^a. Sônia Queiroz no primeiro semestre de 2013. Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m² (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m² e costura artesanal com cordão encerado. Contém DVD de vídeo.